A formação do analista na era digital: reflexões sobre a falta e o tempo do inconsciente

Raquel Ferreira Vargas

Resumo

O artigo analisa como a formação do analista se transforma diante da lógica contemporânea, marcada pela aceleração, pela hiperconectividade e pela intolerância à falta. Examina como o tempo lógico da psicanálise, presente em Freud e desenvolvido por Lacan, entra em tensão com o tempo acelerado da cultura digital. Mostra que a formação exige trabalhar no regime da lentidão, da elaboração e da experiência interna, enquanto a época promove pressa, eficiência e respostas imediatas. Discute também como a experiência da falta, fundamental para o desejo e para a posição analítica, é ameaçada pela cultura do excesso, que busca eliminar o vazio e sustentar satisfações contínuas. Além disso, analisa o desejo do analista na era digital, destacando o desafio ético de não ceder ao imperativo da hiper-resposta e de sustentar o silêncio como operação clínica. Conclui que formar analistas, hoje, implica preservar o fundamento ético da psicanálise e criar espaços de resistência diante da lógica atual, permitindo que a fala, o desejo e o tempo possam se inscrever.

Palavras-chave:

Formação do analista; Hiperconectividade; Falta; Tempo lógico; Desejo do analista.

The training of the analyst in the digital age: reflections on lack and the time of the unconscious

Abstract

This article examines how the training of the analyst is transformed by the contemporary logic marked by acceleration, hyperconnectivity and the intolerance toward lack. It analyzes how the logical time of psychoanalysis, introduced by Freud and developed by Lacan, clashes with the accelerated tempo of digital culture. It shows that analytic training requires working through slowness, elaboration and internal experience, while the present era promotes speed, efficiency and immediate responses. It also discusses how the experience of lack, fundamental to desire and to the analytic position, is threatened

by a culture of excess that aims to eliminate emptiness and sustain continuous satisfaction. In addition, it analyzes the analyst's desire in the digital age, emphasizing the ethical challenge of resisting the imperative of hyperresponsiveness and maintaining silence as a clinical operation. It concludes that training analysts today requires preserving the ethical foundations of psychoanalysis and creating spaces of resistance within the dominant logic, enabling speech, desire and time to emerge.

Keywords:

Analyst training; Hyperconnectivity; Lack; Logical time; Analyst's desire.

La formación del analista en la era digital: reflexiones sobre la falta y el tiempo del inconsciente

Resumen

El artículo examina cómo la formación del analista se transforma frente a la lógica contemporánea marcada por la aceleración, la hiperconectividad y la intolerancia a la falta. Analiza cómo el tiempo lógico del psicoanálisis, formulado por Freud y desarrollado por Lacan, entra en tensión con el ritmo acelerado de la cultura digital. Muestra que la formación requiere trabajar en un régimen de lentitud, elaboración y experiencia interna, mientras la época promueve rapidez, eficiencia y respuestas inmediatas. También discute cómo la experiencia de la falta, fundamental para el deseo y la posición analítica, es amenazada por una cultura del exceso que intenta eliminar el vacío y sostener satisfacciones continuas. Además, examina el deseo del analista en la era digital y el desafío ético de no ceder al imperativo de la hiperrespuesta y de sostener el silencio como operación clínica. Concluye que formar analistas hoy implica preservar el fundamento ético del psicoanálisis y crear espacios de resistencia ante la lógica actual, permitiendo la inscripción del deseo, del tiempo y de la palabra.

Palabras clave:

Formación del analista; Hiperconectividad; Falta; Tiempo lógico; Deseo del analista.

La formation de l'analyste à l'ère numérique : réflexions sur le manque et le temps de l'inconscient

Résumé

Cet article étudie la manière dont la formation de l'analyste se transforme face à la logique contemporaine marquée par l'accélération, l'hyperconnectivité et l'intolérance au manque. Il analyse la tension entre le temps logique de la psychanaly-

se, formulé par Freud et développé par Lacan, et le temps accéléré de la culture numérique. Il montre que la formation exige un travail de lenteur, d'élaboration et d'expérience interne, tandis que l'époque valorise la rapidité, l'efficacité et les réponses immédiates. Il discute également comment l'expérience du manque, essentielle au désir et à la position analytique, est menacée par une culture de l'excès qui cherche à éliminer le vide et à maintenir une satisfaction continue. En outre, il examine le désir de l'analyste à l'ère numérique et le défi éthique de résister à l'impératif de l'hyperréponse tout en soutenant le silence comme opération clinique. Il conclut que la formation contemporaine requiert de préserver l'éthique psychanalytique et de créer des espaces de résistance permettant l'émergence du temps, du désir et de la parole.

Mots-clés :

Formation de l'analyste ; Hyperconnectivité ; Manque ;
Temps logique ; Désir de l'analyste.

Introdução

A formação do analista tem sido, desde Freud, um tema central na psicanálise. A clínica psicanalítica não se sustenta apenas por um conjunto de técnicas, mas por uma posição subjetiva, que exige certa ética, certa relação com o desejo e, sobretudo, um modo particular de lidar com o tempo e com a falta. Contudo, vivemos em uma época marcada pela aceleração, pela hiperconectividade e pela intolerância à espera. A lógica que sustenta a vida social — imediatista, algoritmizada e saturada de estímulos — desafia diretamente os fundamentos da formação analítica. Nesse panorama, torna-se urgente repensar como se forma um analista hoje.

Freud (1912/2010, p. 157) afirmava que "a pessoa adquire na própria carne impressões e convicções que procura em vão nos livros e nas conferências", insistindo que a análise pessoal é condição indispensável para a formação. Entretanto, a subjetividade contemporânea, marcada pela pressa e pela demanda de resposta instantânea, pode dificultar a possibilidade mesma de um trabalho analítico profundo. Lacan (1967/2003, p. 187), ao retomar Freud, acentua que o analista é aquele que se autoriza apenas de si mesmo e de alguns outros, indicando a singularidade radical da formação. Essa singularidade, porém, inscreve-se, hoje, em um contexto cuja lógica tende a abolir a falta, precisamente o elemento que permite ao desejo operar.

O presente artigo discute, portanto, como a formação do analista é tensionada pela lógica da época. Pergunta-se: o que significa formar analistas em uma cultura que funciona para eliminar o tempo, a falta e o silêncio? A partir de Freud,

Lacan e autores contemporâneos, argumenta-se que a formação, hoje, implica reinventar a clínica sem abandonar o eixo ético que lhe é constitutivo.

O tempo lógico da psicanálise e o tempo acelerado da época

A psicanálise opera segundo uma lógica própria de tempo. Freud, ao falar do trabalho de elaboração psíquica, destacou que o inconsciente exige tempo: tempo de repetição, de retomada, de construção. No célebre "Recordar, repetir e elaborar", afirma: "o paciente não aprende apenas pela instrução, mas pela experiência interna" (Freud, 1914/2010, p. 209). Essa experiência só se produz em um tempo que não pode ser reduzido à velocidade.

Lacan (1945/1998, p. 205) aprofunda essa discussão, ao formular o conceito de tempo lógico, articulado no texto homônimo. Ali, ele distingue três tempos: instante de ver, tempo para compreender e momento de concluir. A formação do analista, como processo subjetivo, não se desenvolve no ritmo cronológico da vida cotidiana, mas nesse tempo lógico que permite que algo do inconsciente se escreva.

A subjetividade contemporânea, porém, opera segundo outra temporalidade. O mundo digital impõe velocidade contínua, atualização constante e, sobretudo, impaciência com a espera. Como observa Byung-Chul Han (2015, p. 10), "a hipercinesia cotidiana despoja a vida humana de qualquer elemento contemplativo, qualquer capacidade de demora. Pressupõe a perda do mundo e do tempo". Essa aceleração repercute na formação, pois muitos analisandos, inclusive futuros analistas, chegam à clínica demandando soluções rápidas, interpretações imediatas, respostas curtas e eficientes. O tempo da análise, entretanto, não corresponde à lógica da eficácia.

Nesse ponto, o analista em formação é convocado a sustentar uma contracorrente: aprender a operar no regime da lentidão, da pausa e da hesitação, mesmo quando tudo ao redor exige rapidez. Como lembra Mbembe (2020, p. 71), a aceleração contemporânea redefine o humano, comprimindo sua vida psíquica. Formar analistas passa, então, por criar espaço para que o sujeito reencontre algo do tempo perdido à lógica da urgência.

A formação do analista e a experiência da falta em uma cultura do excesso

A formação do analista se organiza em torno da experiência da falta, entendida como falta estruturante, falta no Outro e falta que sustenta o desejo. Freud (1905/2016, p. 149), desde "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", já indicava que a sexualidade humana é marcada pela incompletude. Lacan (1964/2008, p. 819) retoma essa formulação e a radicaliza, ao afirmar que o sujeito se constitui "a partir de um significante que falta no Outro".

No entanto, vivemos em uma cultura do excesso — excesso de imagens, de discursos, de objetos, de convocações ao gozo. A lógica contemporânea se aproxima daquilo que Lacan define como discurso do capitalista: um discurso que busca eliminar a falta, prometendo satisfação plena, contínua e infinita (Lacan, 1972, p. 178). Essa lógica cria condições subjetivas que dificultam a inscrição do desejo como falta; em vez disso, produz demandas incessantes.

A formação do analista, nesse contexto, enfrenta o desafio de sustentar a falta sem recair no excesso de sentido, no excesso de explicações, na saturação imaginária. Como observa Miller (1997), o analista de hoje precisa operar em um campo saturado, no qual o sujeito está permanentemente capturado por objetos tecnológicos que funcionam como suplências imaginário-gozosas. Segundo o autor, "o discurso da civilização hipermoderna tem a estrutura do discurso do analista" (Miller, 1997, p. 249).

Além disso, a hiperconectividade produz uma ilusão de presença total: tudo e todos parecem estar sempre disponíveis. Essa ilusão contrasta com a função da ausência na análise, que envolve a ausência de respostas prontas, a ausência de garantias e a ausência de completude. Assim, enquanto a época empurra para o excesso, a formação do analista exige esvaziamento: esvaziar saber, esvaziar respostas, esvaziar significações prévias, para que o desejo possa operar.

O desejo do analista na era digital: ética, silêncio e hiper-resposta

Freud (1910/1969, pp. 207-216) advertiu que o analista não deve funcionar como ideal ou como modelo, mas como suporte para que o inconsciente do paciente fale. Lacan leva essa ideia a seu ponto mais preciso, ao formular a noção de desejo do analista, entendido como aquilo que não se confunde com a demanda. Ele afirma: "o desejo do analista não é um desejo puro, mas o suporte da função" (Lacan, 1959-1960/1988, pp. 207-216). Esse desejo implica não responder ao sujeito no nível imaginário, mas sustentar o ponto vazio que faz o discurso operar.

Contudo, na era da hipercomunicação, o analista se vê diante de novas formas de demanda: mensagens fora do horário, urgências fabricadas, solicitações de resposta imediata. A cultura do "*on-line*" cria a fantasia de que tudo pode ser respondido, resolvido ou aliviado instantaneamente. Como aponta Dunker (2017, p. 117), vivemos uma "economia psíquica da urgência", na qual a angústia tende a ser tomada como falha a ser eliminada rapidamente.

A formação do analista precisa incluir, portanto, a capacidade de não ceder ao imperativo da hiper-resposta. O silêncio, longe de ser omissão, é uma operação ética que preserva o lugar do desejo. O analista se forma para sustentar esse silêncio. Um silêncio ativo, que não responde à demanda, mas à lógica do inconsciente.

Além disso, o desejo do analista, hoje, sofre pressões novas: pressão para se mostrar competente imediatamente, para dominar todos os campos, para se po-

sicionar nas redes sociais como figura de autoridade. Esses imperativos podem desviar a formação de seu eixo fundamental, se o analista passa a buscar reconhecimento imaginário, em vez de sustentar a falta que o autoriza.

O desafio ético, portanto, é aprender a existir na era digital sem transformar a clínica em prestação de serviços rápidos, sem confundir transferência com influência e sem aderir ao discurso da eficiência. A formação do analista continua sendo, como sempre, uma formação na perda do ideal, do saber suposto, da garantia.

Conclusão

A formação do analista exige, hoje, uma reinvenção que não consiste em adaptar a psicanálise ao ritmo da época, mas em preservar suas condições de possibilidade dentro desse novo cenário. A lógica da aceleração, da hiperconectividade e do excesso introduz obstáculos importantes ao trabalho analítico, mas também convoca o analista a operar como ponto de resistência.

O tempo lógico da psicanálise confronta diretamente o tempo acelerado da vida digital; a falta estrutural se opõe ao excesso capitalista; o silêncio ético contrasta com o imperativo da resposta imediata. Formar analistas, hoje, implica cultivar a capacidade de sustentar essas diferenças e reconhecer que é justamente nelas que se situa a força da psicanálise.

Freud e Lacan oferecem referências fundamentais para pensar essa questão. Freud destaca a necessidade da análise pessoal e da experiência subjetiva; Lacan enfatiza o desejo do analista, o tempo lógico e a função da falta. Esses elementos permanecem vivos e necessários, especialmente em um tempo que tenta eliminá-los.

Por fim, a formação na contemporaneidade não é apenas técnica, mas política e ética: implica assumir uma posição diante da lógica da época. O analista é aquele que resguarda um espaço no qual a fala pode descolar-se da urgência, no qual a falta pode reaparecer como condição do desejo e no qual o sujeito pode reencontrar tempo para se escutar. Trata-se, portanto, de "fazer existir a psicanálise" (Miller, 2007, p. 8) em um mundo que tende a apagá-la, e esse talvez seja o maior desafio formativo dessa época.

Referências bibliográficas

Dunker, C. I. L. (2017). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros* (Vol. 1). São Paulo: Boitempo.

Freud, S. (1969). Psicanálise silvestre. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 207-216). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)

Freud, S. (2010). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)

Freud, S. (2010). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 10). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)

Han, B.-C. (2015). *O aroma do tempo: um ensaio filosófico sobre a arte da demora* (E. P. Giachini, Trad.). Petrópolis: Vozes.

Lacan, J. (1972). Discurso na Escola Freudiana de Paris. In J. Lacan. *Intervenções e textos 2*. Paris: EFP.

Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (A. Quinet, Trad.) (pp. 207-216). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

Lacan, J. (1998). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1945)

Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)

Mbembe, A. (2020). *Brutalismo* (M. Lança, Trad.). São Paulo: n-1 edições.

Miller, J.-A. (1997). *Lacan elucidado: palestras no Brasil* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Zahar.

Miller, J.-A. (2007). Sobre o sujeito suposto saber e o objeto *a*. *Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, 59.

Recebido: 17/01/2026

Aprovado: 27/03/2026